

Como quando éramos crianças



Marina Silva

COMO QUANDO ÉRAMOS CRIANÇAS

MARINA SILVA

*Aos meus avós,
se eu pudesse escolher um dia,
seria ao lado de vocês.*

Quando aquela moça ofereceu a Clara a oportunidade de reviver um dia de sua vida, ela começou a pensar nos grandes dias.

No casamento de cada um de seus filhos. No nascimento dos netos, nas formaturas, nos primeiros aniversários. No nascimento do mais velho, do caçula.

Depois, passou a pensar em si mesma. Naquela viagem em que achou ter entendido o significado das coisas. No seu casamento, nas homenagens que recebera ao longo da vida, na sua própria formatura. Na vez em que ganhou uma competição de jiu-jítsu. Ou naquela em que sua professora de inglês leu um de seus textos para todas as turmas, por julgá-lo uma bela expressão de amor.

Foi então que percebeu os álbuns sobre a mesa à sua frente. Vários deles. Cada um guardava momentos belos de sua vida. Alguns, tão pequenos que ela sequer teria pensado em procurá-los.

Havia uma foto de um homem barbudo sorrindo. Já não se lembrava de quem era, nem do que havia acontecido para que a fizesse feliz. Mas lembrava do calor que aquele singelo sorriso trouxera ao seu coração. Uma parte de sua mente se perguntava quem fora aquele moço para ganhar tamanho destaque no álbum de sua vida.

Viu também fotos de pássaros. De tantos tipos diferentes, com combinações de cores que pareciam ter sido escolhidas a dedo por aquele dito-cujo, criador do céu e da Terra. Alguns voavam. Outros estavam parados em pedras, postes, árvores. Um deles pousara até mesmo sobre sua mão. Descansavam para, em alguns instantes, experimentar novamente a liberdade de voar.

Outros álbuns reuniam lugares que, ao longo da vida, Clara desejara guardar para sempre. Lugares dos quais gostaria de se lembrar eternamente, caso existisse um lar após a morte.

De alguns, conseguia recordar até os dias exatos.

Aqueles ipês que floresceram aos seus vinte e cinco anos, quando se questionava se a vida ainda lhe reservava algo. A primeira vez em que percorreu o caminho de casa até o trabalho, depois de sair da casa dos pais. Como os raios de sol atravessavam as árvores, iluminavam os galhos cheios de musgo e se refletiam numa poça d'água. Restos da chuva que a havia acordado, assustada, na noite anterior.

Ou aquela praia que encontrou ao fim de uma trilha que parecia um túnel verde. A luz crescia à medida que ela se aproximava. Era a praia com

a qual havia sonhado meses antes, e que lhe dera uma tarde repleta de sorrisos bobos e calor.

Havia também um álbum somente com rostos.

Cada pessoa que ocupara uma parte importante de sua vida. Cada amizade. Cada um que, por mais bobo que parecesse o motivo, marcara seu coração e sua mente.

Foi nesse álbum que uma foto chamou sua atenção.

Seu avô Bento e sua avó Benta.

Sorriam com uma alegria estonteante, como se as amarguras do mundo nunca tivessem recebido permissão daquele dito-cujo para se aproximar dos dois.

Sem titubear, Clara pegou a fotografia. Não sabia ao certo a que dia seria levada, mas a entregou à mulher.

— É essa. Sem dúvidas. O dia que quero reviver é um dia ao lado deles.

A mulher assentiu e, com toda a ternura do mundo, tocou o indicador no meio de sua testa.

Os álbuns desapareceram.

Clara já não estava naquele lugar vazio.

Estava num dia simples, num tempo em que ainda não precisava se importar se era segunda ou sexta-feira. Para a pequena Clara, todos os dias eram dias de brincar. Talvez tivesse quatro anos. Talvez cinco. Não fazia diferença naquele momento.

Abriu os olhos e viu a luz atravessando os vitrais da porta verde da sala. Parte deles ficava escondida por uma cortina branca de pano, cheia de desenhos geométricos. Uma cortina antiga, cuja idade também se podia reconhecer pelo cheiro forte de poeira.

Havia acabado de acordar no sofá de dona Benta. Sob a capa vermelho-vinho, conseguia sentir os rasgos que os anos tinham deixado no estofado. A mesma capa que ficaria marcada em sua memória por anos a fio.

Aqueles rasgos também podiam ser considerados cicatrizes. Marcas de batalha, da resistência contra pequenos reservatórios de energia que viviam ligados nos duzentos e vinte volts: Clara e suas primas.

Falando nelas, onde estariam? Já haviam acordado?

Levantou-se e caminhou até a cozinha. Encontrou os avós terminando de passar café. Aquele cheiro forte, característico, igualmente gostoso.

Como amava estar na casa deles. Como se sentia encantada pela liberdade de poder dormir depois das nove da noite, brincar com as primas

até tarde e acordar para um café da manhã que, se sua mãe visse, certamente renderia uma discussão com dona Benta.

As duas primas já estavam à mesa, comendo biscoitos de polvilho da mercearia do seu Zé, logo ali na esquina.

— Bom dia, minha netinha! Pensamos que você não fosse mais acordar — disse dona Benta.

A menina parou junto à porta. Havia alguma coisa naquela voz que a fez querer ouvi-la de novo. Não saberia dizer o quê. Dona Benta estava ali, como estivera na noite anterior, e ainda assim Clara demorou um pouco a responder.

— Que foi? Ainda está com sono?

Ela negou com a cabeça e se aproximou. A avó passou a mão por seus cabelos, tentando abaixar uma mecha que teimava em ficar levantada.

— Olha só o que esse travesseiro fez com você.

Umedeceu a ponta dos dedos e tentou outra vez. Clara normalmente se esquivaria. Naquela manhã, ficou quieta, sentindo os dedos da avó atrás da orelha.

— Como está a aniversariante? Cinco anos! Já tem muita história pra contar — completou seu Bento.

— Obrigada, vózinha e vôzinho. Hoje vai ser um dia muito feliz.

As primas largaram os biscoitos e dispararam na direção dela. Chegaram pulando, abraçando-a e dando os parabéns, enquanto as três caíam na gargalhada.

— Eu amo muito vocês — disse Clara, com um sorriso de orelha a orelha.

— Vamos brincar? Hoje é seu aniversário, então você pode escolher a brincadeira — propôs uma delas.

— Isso, você escolhe, Clarinha — concordou a outra.

— Tá bom. Eu acho que quero brincar de ser gente grande.

Enquanto dizia aquilo, sentiu uma náusea. A sensação cresceu, forte, e sua visão ficou turva. Os rostos das primas perderam os contornos. A cozinha, a mesa, o aniversário: tudo desvanecia.

Quando conseguiu enxergar novamente, estava num lugar que conhecia tão bem quanto os rasgos daquele sofá.

Diante do espelho, no banheiro do trabalho.

Clara jogava água gelada no rosto quando ouviu batidas à porta.

— Doutora, ocorrência. Carro contra carro na rodovia. Uma vítima provavelmente grave. Bombeiros já em deslocamento — anunciou Júlia.

Júlia havia se tornado uma grande amiga alguns verões antes, quando as duas começaram, no mesmo dia, a trabalhar naquela unidade. Conforme vidas eram salvas ou perdidas, tornaram-se um pilar na vida uma da outra. Aos olhos de quem as observava, trabalhavam com tamanha sintonia que pareciam compartilhar uma única mente.

— Positivo, estou indo.

Clara abriu a porta, ajustando o macacão.

— Ah, minha amiga... Hoje é um belo dia pra salvar vidas.

— Então vamos, doutora.

Júlia já seguia pelo corredor. Clara a alcançou antes da saída, e as duas trocaram aquele olhar rápido de quem estava acostumada a começar uma conversa que talvez só pudesse terminar horas depois.

Pouco depois, já estava na ambulância, em deslocamento. Pensava em como, quando criança, sonhava e brincava de ser quem era agora. A adrenalina do caminho a fazia sentir que estava exatamente onde deveria estar, amando à sua maneira aqueles que cruzassem sua vida.

O rádio interrompia seus pensamentos com novas informações. Ela escutava, fazia uma pergunta, olhava para Júlia. A amiga compreendia o que precisava ser preparado antes mesmo que terminasse de pedir. Às vezes, nem era necessário apontar.

Pela janela, Clara via a manhã seguir seu curso. Uma mulher esperava para atravessar a rua com sacolas nas mãos. Um homem abaixava a porta de uma loja. Mais adiante, os carros abriam passagem. Em alguns minutos, a cidade ficava para trás, e a rodovia se estendia diante delas.

Na chegada, havia gente parada à distância, veículos imobilizados, vozes que se sobrepunham. Clara ouviu as informações da equipe que já estava no local e se aproximou da jovem.

— Eu sou a Clara. Sou médica. Eu e minha equipe iremos cuidar de você.

Não sabia se ela conseguia ouvi-la. Ainda assim, falou perto, olhando para seu rosto, antes de voltar a atenção ao que precisava fazer.

Enquanto trabalhava, continuou anunciando sua presença em frases curtas. Júlia fazia o mesmo. Entre os pedidos de material e as informações trocadas com a equipe, havia sempre alguma palavra dirigida àquela pessoa de quem ainda sabiam tão pouco.

Clara não conhecia sua voz, nem sabia de onde vinha ou para onde estava indo. Viu um pequeno brinco em sua orelha. Por uma fração de segundo, pensou no gesto comum de colocá-lo diante de um espelho antes de sair de casa. Depois, Júlia a chamou, e ela voltou inteira ao atendimento.

De fato, era um lindo dia para salvar vidas.

Mas Clara, em sua arrogância humana, às vezes esquecia que, dentre as inúmeras bênçãos que recebera ao longo da vida, a onipotência não estava entre elas.

Fez tudo, e até mais do que podia. Seguiu os protocolos com tamanha precisão que seus movimentos pareciam uma dança. As mãos conheciam o trabalho e dançavam em sintonia com as de Júlia. Sua voz dava orientações enquanto os olhos procuravam uma resposta, qualquer mudança que lhes permitisse continuar acreditando.

O tempo perdeu a medida que tinha fora dali. Clara já não saberia dizer há quanto tempo estava inclinada sobre aquela jovem. Sabia o que havia sido feito, o que precisava ser reavaliado, o que Júlia lhe dizia. E sabia que queria vê-la voltar.

Houve um instante em que procurou os olhos da amiga. Júlia sustentou seu olhar. Nenhuma das duas precisava perguntar se a outra também queria continuar.

Ainda assim, naquele dia, Clara não conseguiu reescrever a história.

A morte havia vindo ao encontro daquela jovem.

Depois, ainda havia coisas a fazer. Clara respondeu a uma pergunta, deu uma informação, terminou o que precisava ser terminado. Sua voz lhe pareceu distante. Ao redor, alguém guardava um equipamento. Um rádio voltou a falar. Ela se surpreendeu por ainda conseguir ouvir todos aqueles sons.

No retorno à base, o lugar em frente a Júlia pareceu mais longe do que na ida. A amiga lhe ofereceu uma garrafa de água. Clara agradeceu com um movimento de cabeça e ficou segurando a tampa, sem beber.

Passaram pelas mesmas ruas. Na porta de uma padaria, duas pessoas conversavam. Clara olhou até perdê-las de vista.

Nas horas seguintes, permaneceu sentada, sem conversar muito com os colegas, como sempre fazia quando perdia uma batalha contra a morte.

No repouso, o ar-condicionado fazia um ruído baixo e contínuo. Havia uma pequena dobra no lençol do colchão, perto de seu joelho. Ela passou a mão sobre o tecido, alisou a dobra e ficou com os dedos parados ali.

Repassava o atendimento. Voltava ao começo, demorava-se num instante, avançava até o fim. Tentava encontrar algum ponto em que a história pudesse ter tomado outro rumo. Não encontrava. Pouco depois, começava de novo.

Do corredor, vinham passos e o som de uma conversa que não conseguia acompanhar. Seu estômago reclamou. Aquilo a incomodou de uma maneira que não saberia explicar. Tantas coisas haviam deixado de existir para alguém, e seu corpo ainda lhe pedia o almoço.

— Toc, toc — disse Júlia, abrindo a porta do repouso. — Podemos conversar?

Clara ergueu os olhos.

Júlia entrou com dois copos de café. Deixou um ao alcance da amiga e se sentou ao lado dela. Também parecia cansada. Por um tempo, ficaram escutando o ar-condicionado.

— Eu achei que a gente fosse conseguir, amiga.

— Eu também achei.

Clara olhou para o café, sem pegá-lo.

— Ela era tão jovem... Tinha tanta vida pra viver. Eu não entendo por que as coisas são como são. Por que histórias inteiras simplesmente acabam, sem mais nem menos?

Seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

— Nós não podemos controlar tudo, Clara. Algumas coisas simplesmente não fazem sentido. São como são.

Por alguns instantes, Júlia ficou em silêncio ao lado dela.

— Você acha que faltou alguma coisa? — perguntou Clara.

Júlia demorou um pouco antes de responder.

— Fiquei repassando também. Não consigo pensar em nada que a gente tenha deixado de fazer.

— Eu sei. Mas parece que eu preciso achar alguma coisa.

Júlia pousou o copo no chão e encostou a mão no braço da amiga.

— Acho que o que está ao nosso alcance é continuar amando e cuidando — acrescentou, com um sorriso discreto. — E dizer foda-se!. Se no fim a morte sempre vence, vamos continuar acreditando que é um belo dia pra salvar vidas. E vamos tentar como se tivéssemos algum poder contra as coisas.

Clara soltou um sorriso bobo.

— Tem razão. Foda-se!.

O sorriso durou pouco, mas Júlia sorriu junto. Clara finalmente pegou o café. Já estava quase frio.

Ficou quieta por um momento, antes de perguntar:

— Você acha que passou alguma coisa pela mente dela quando aconteceu?

— Olha, amiga, eu não sei. Mas sei como gostaria que a morte fosse.

— Como?

— Eu gostaria que fosse repleta de amor. Mas não qualquer amor. Aquele que arde, que a gente não encontra palavras pra descrever. Que qualquer dor deixasse de existir, só pra se tornar amor. Espero que tenha sido assim.

— Seria lindo mesmo. Espero que você esteja certa.

Júlia a abraçou. Clara apoiou a testa no ombro da amiga e deixou que o corpo cedesse um pouco. Sentia a costura do macacão junto ao rosto. De perto, a respiração de Júlia parecia mais lenta do que a sua.

Ficaram assim por algum tempo. A garrafa de água continuava fechada. Os copos de café estavam no chão. Haveria outro chamado, em algum momento, mas ainda não havia.

Clara permaneceu ali, acolhida entre os braços da amiga, até sentir outra vez a náusea.

A visão começou a se dissolver em escuridão.

Quando piscou, estava novamente ao lado das primas, brincando de ser gente grande.

Por ironia do destino, simulava ser médica. Salvar vidas. Ajudar pessoas. Para aquelas pequenas crianças, não havia nada mais belo do que se tornar gente grande.

— Doutora, ela vai nascer! — anunciou uma das primas, segurando uma de suas bonecas favoritas.

— Rápido! Vamos levá-la pra sala de parto! — respondeu Clara, erguendo a boneca que escolhera para representá-la naquele pequeno universo de brinquedos. Sua favorita.

A equipe, formada por Barbies e Fofotes, correu pelos corredores do hospital imaginado por aquele trio de mentes criativas.

Na sala de parto, a jovem Barbie enfrentou um trabalho de parto difícil, com um período expulsivo prolongado, mas que, no fim, se mostrou efetivo. As duas bonecas puderam ver a mais nova Fofote entrando na narrativa.

— É uma menina! — gritou uma das primas. — Qual vai ser o nome dela?

— Renata — respondeu a outra, segurando a pequena Fofote como uma mãe segura a filha pela primeira vez numa maternidade.

— Ah, que lindo! Hoje foi um belo dia pra salvar vidas.

Clara repetia a frase que ouvira tantas vezes enquanto via a mãe assistindo ao seriado favorito. Uma ficção médica, por mais irônico que parecesse.

Talvez a mãe tivesse sido uma de suas grandes inspirações ao longo daqueles cinco anos. Aos seus olhos, era a maior médica de todas. Salvava vidas e trazia belos bebês ao mundo todos os dias. À medida que ganhava consciência sobre o próprio ato de pensar, Clara se pegava imaginando como queria, quando crescesse, tornar-se tão especial quanto a mãe lhe parecia.

— Crianças, está na hora de almoçar! — chamou dona Benta, trazendo-as de volta ao mundo real.

Seu Bento gostava muito de mimar as netinhas. Sabia exatamente o que aqueles pequenos seres humanos amavam e, naquele dia, escolhera fazer o suco favorito da aniversariante: maracujá.

Mas não qualquer maracujá. Era o daquele pé que ele e Clara haviam plantado juntos alguns anos antes, e que começara a dar frutos naquele ano.

Depois de tantos anos trabalhando como caseiro em fazendas, sabia escolher os frutos mais doces. E assim o fizera. Uma data especial exigia cuidado especial.

Quando Clara chegou à cozinha, seu Bento colocou apenas um pouco de suco num copo e o entregou a ela.

— Experimenta pra mim. Vê se ficou bom.

Ela bebeu enquanto o avô esperava, com a jarra suspensa sobre a mesa e uma seriedade que tornava aquela tarefa muito importante.

— Tá bom, vô.

— Bom quanto?

Clara abriu os braços o máximo que conseguiu. Seu Bento examinou a medida.

— Desse tanto!

— Só isso? Então vou ter que melhorar no ano que vem.

Ela riu e se esticou mais, equilibrando-se na ponta dos pés.

— Não dá pra abrir mais que isso!

— Então está aprovado.

Encheu o copo dela primeiro. Clara acompanhou o suco subir, orgulhosa de ter ajudado a decidir alguma coisa tão séria quanto o almoço de aniversário.

Dona Benta, por outro lado, não gostava muito de fazer sucos. Mas, assim como o marido, sabia o que preparar para agradar às meninas.

Galinhada.

O prato favorito de Clara e de suas duas primas. Como diriam os antigos, dois coelhos com uma cajadada só.

Para aqueles três pequenos seres, o almoço parecia divino. Não conseguiam imaginar uma maneira de estar mais felizes do que estavam ali. Como podia aquele dito-cujo, criador do céu e da Terra, acertar em tantos aspectos ao mesmo tempo?

Dona Benta se sentou depois de servir as três. Mal levou a primeira colher à boca, uma das meninas pediu mais suco. Seu Bento estendeu a mão para a jarra.

— Deixa que eu ponho. Come, mulher, senão esfria.

Clara contava o nascimento de Renata com tantos detalhes que às vezes esquecia de mastigar. O avô fazia perguntas, queria saber se a menina era bonita, se a mãe estava bem, se já tinha chorado. Uma das primas interrompia para corrigir uma parte. A outra acrescentava acontecimentos dos quais ninguém mais parecia se lembrar.

— E essa menina nasceu com esse cabelo todo? — perguntou seu Bento, apontando para a Fofote que aguardava numa cadeira próxima.

As três riram daquilo como se o avô tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo. Dona Benta tentou recomendar que terminassem de comer antes de rir, mas acabou rindo também.

— Que nome mais bonito! Minha mãe se chamada Renata, sempre amei o significado desse nome, renascida, aquela que vive pela segunda vez.

— Imagino que ela tenha sido uma pessoa tão maravilhosa quanto você — Disse seu bento.

Comeram até ficar saciadas e beberam o suco do seu Bento até a última gota.

Mais tarde, pela mesma porta verde de vitrais, entraram os pais de Clara. Havia saído algumas horas mais cedo do trabalho para partilhar aquele pedaço de dia com a filha.

— Papai! Mamãe!

Ela correu ao encontro dos dois e, ao se aproximar, deu um salto na direção do pai. Ele a recebeu nos braços, como sempre fazia, como quem recebia a joia mais preciosa que já vira.

Para o tempo dos homens, o abraço durou apenas alguns segundos. Para o tempo de um pai e de uma filha, uma eternidade.

— Meu amor, papai estava com saudade! Como foi seu dia? Brincou muito com as primas?

— Foi muito legal, papai! Hoje brincamos de ser médicas, e eu peguei um bebê igual a mamãe faz!

Ele sorriu ao ouvir a gargalhada da filha.

— Papai está muito orgulhoso de você. Tenho certeza de que um dia vai ser uma médica tão boa quanto ela. Todo mundo vai querer se consultar com você.

— A mamãe também quer um abraço — disse a mãe.

Nos olhos dela, ainda se viam as noites de sono que a medicina lhe roubara, e como tentava esconder com tons de maquiagem. Mas abriu os braços, com todo o amor do mundo, para a menina.

— Claro, mamãe!

Clara desceu do colo do pai e disparou em sua direção. Pulou nos braços dela com o mesmo impulso. Mas devido a genética te-lá a favorecido menos que o pai, era menor e menos forte que o marido, a mãe deu um passo em falso, mas logo recuperou o equilíbrio, segurando a filha junto ao corpo.

Ao fundo, dona Benta apareceu trazendo o bolo.

Simples, devo dizer, mas o favorito daquela menina: cenoura com cobertura de chocolate. Seu bolo favorito. Clara o avistou pelo canto do olho e já sentiu a boca se encher d'água.

— Parabéns pra você, nesta data querida...

Todos naquela sala cantavam juntos.

— Muitas felicidades, muitos anos de vida!

— Viva Clara!

Ela sentiu vontade de chorar. Não de tristeza. Era uma alegria para a qual meros sorrisos já não bastava.

Cinco anos, marcava a singela velinha sobre o bolo.

Em sua mente pensava sobre quanta vida já havia vivido. Quantos sorrisos, quantos amores. Como o tempo tinha sido generoso, como passava depressa. Como era feliz nos seus dias.

E, ao mesmo tempo, tudo o que ainda não sabia pairava em seus pensamentos.

O que a vida lhe reservaria? Que grandes feitos realizaria? Que coisas conquistaria? Quem se tornaria?

Soprou a velinha.

— Qual foi o seu desejo? — perguntou uma das primas.

— Eu gostaria que esse dia durasse para sempre.

— Agora não vale mais! — protestou uma das primas. — Não pode contar o desejo.

Clara olhou depressa para a mãe.

— Pode, sim — ela respondeu, passando o polegar por uma mancha de chocolate no canto da boca da filha. — Esse pode.

Dona Benta começou a cortar o bolo. As meninas acompanhavam a faca, cada uma tentando descobrir qual seria a premiada com o primeiro pedaço. Quando a avó o colocou num pratinho e entregou à aniversariante, Clara o segurou com as duas mãos. Por um instante, olhou a cobertura de chocolate. Depois, estendeu o prato de volta.

— Esse é pra você, vó.

— Pra mim?

Clara assentiu, erguendo um pouco mais os braços para que ela pegasse.

Dona Benta deixou a faca sobre a mesa e recebeu o prato. Com a mão livre, puxou a neta para perto e beijou sua testa. Clara encostou o rosto nela, tomando cuidado para não esbarrar no bolo.

— Obrigada, minha menina.

As primas já se aproximavam para receber seus pedaços, e Clara ficou ao lado da avó, esperando o seu.

O pai de Clara disse que ficaria com o menor pedaço, mas, quando recebeu seu prato, roubou um pouco da cobertura do pedaço da filha.

— Pai!

Ele olhou para os lados, fingindo procurar quem teria feito aquilo. Clara protegeu o prato com a mão, rindo, enquanto a mãe empurrava o próprio pedaço na direção dele.

Depois, as primas resolveram brincar de esconder. Houve uma longa discussão sobre quem deveria contar. Uma delas achava que aniversariante não precisava procurar ninguém. A outra dizia que Clara já escolhera a brincadeira de manhã, e que assim como tudo na vida, aniversário também tinha limite.

Fizeram a escolha com uma cantiga, três dedos apontados e uma regra que mudava toda vez que alguém discordava do resultado.

Clara foi se esconder atrás da cortina branca.

O pano não chegava ao chão. Seus pés ficavam inteiros à mostra. Ainda assim, fechou os olhos e prendeu a respiração quando ouviu a prima entrar na sala.

— Será que ela está aqui? — perguntou seu Bento, de algum lugar bem próximo.

A menina levou as mãos à boca para segurar o riso.

— Não estou vendo ninguém — ele continuou. — Só uma cortina que criou dois pezinhos.

Clara soltou uma gargalhada antes mesmo que a prima afastasse o pano. Saiu correndo e tentou se refugiar atrás da cadeira da avó, que ergueu os braços, declarando que não fazia parte daquela confusão.

Mais tarde, cansadas de correr, as três se acomodaram no chão para pôr as bonecas para dormir. Renata ganhou uma cama feita com um pano de prato dobrado, que dona Benta cedeu depois de ouvir garantias de que seria devolvido limpo.

Os adultos conversavam por perto. Clara não compreendia tudo. Havia nomes de pessoas que não conhecia, alguma conta que seu pai precisava pagar, uma história que a avó começava a contar e que o avô interrompia porque lembrava de outro jeito. Ela escutava sem precisar acompanhar. De vez em quando, alguém dizia seu nome, e a menina levantava o rosto.

O primeiro cansaço veio enquanto procurava um sapatinho de boneca debaixo do sofá. Deitou a cabeça no assento por um instante, mas logo uma das primas a chamou para ver alguma coisa, e ela se levantou de novo.

A tarde se demorava assim, ocupada por coisas pequenas.

O dia foi se encerrando no lugar em que Clara amava estar, junto das pessoas que mais amava. O sol, que a aquecera como aqueles abraços, deu lugar a um céu estrelado. Uma lua crescente iluminava a noite, mostrando a outra parte bela da vida.

Clara estava deitada no mesmo sofá cheio de rasgos.

A televisão continuava ligada. O som vinha baixinho, de uma novela ou talvez do Jornal Nacional. Na sala ao lado, seus familiares conversavam sobre o clima, sobre como os últimos dias estavam mais quentes que o normal, sobre a padaria que havia aberto na outra esquina.

Ela queria tanto ficar. Permanecer mais tempo acordada, no meio de todos.

Brigava com o sono. Tentava, com todas as forças, não adormecer. Mas, em algum momento, ele vencía. Sem perceber o instante em que os olhos se fechavam, Clara dormia.

Pouco depois, sentia-se nos braços do pai.

Ou seria da mãe?

Já não conseguia dizer. Sentia apenas que a erguiam do sofá. Aquele calor específico de ser carregada por alguém que a amava mais do que tudo.

Ficava meio ali, meio em outro lugar que ainda não conhecia. Consciente o suficiente para sentir o abraço, mas leve demais para lutar contra ele.

No caminho até o quarto, ainda ouvia, pela porta entreaberta, as vozes de quem amava. Continuavam a existir sem ela ali. Mas ainda perto.

Naquele exato momento, não sentia um pinga de medo.

Tinha a certeza absoluta de que era amada. De que estava em segurança.

Mesmo enquanto adormecia por completo.

Acho que é com isso que a morte deveria se parecer.